

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 13 – 16.06.2016

Assunto principal: A resistência do Arquétipo Patriarcal à implantação da Alteridade na psique do homem, da mulher e na cultura.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana: Capítulo X.

Boa tarde a todos.

No filme *Billy Elliot* encontraremos um confronto radical dentro do Self Familiar de Billy, que inclui a elaboração da fixação do luto patológico de sua mãe e o desenvolvimento de sua Anima na sua individuação, a partir de uma dominância matriarcal, dentro de um Self familiar de intensa dominância patriarcal.

A Inglaterra foi palco do prenúncio de grandes transformações arquetípicas no Self Cultural do Ocidente, como por exemplo, a implantação progressiva do parlamentarismo na transição do autoritarismo monárquico para a democracia.

Os sindicatos britânicos sempre foram muito poderosos e temidos pelos políticos. O sindicato dos mineradores de carvão era especialmente poderoso, por lidar com uma riqueza de grande importância estratégica. Acontece que, exatamente pelo protecionismo político ao sindicato e aos salários e regalias dos mineradores, o preço do carvão ultrapassou o preço internacional e os salários e regalias necessitavam ser diminuídos. Margareth Thatcher estava na sua primeira gestão como primeira ministra. Ela era muito determinada, mas ainda não era conhecida como a “dama de ferro” que veio a ser mais tarde. Ela baixou os salários e cortou regalias dos mineradores de carvão. Eles entraram em greve e ela não cedeu. Ao contrário, ofereceu regalias para aqueles que furassem a greve, algo impensável antes. O Arquétipo Patriarcal se intensificou como acontece em situações de confronto sociopolítico e os mineiros piqueteiros decidiram ilegalmente impedir os demais de trabalhar. Thatcher mandou a polícia proteger os que queriam trabalhar e o confronto se intensificou. Mineradores mais agressivos começaram a ser presos. Ao sair-se vencedora desse conflito, Thatcher foi reeleita com grande votação.

O pai e o irmão mais velho de Billy eram mineradores e o irmão era um dos líderes piqueteiros mais radicais. Billy, aos 10 anos, já apresentava sinais de dominância matriarcal. Tinha horror às aulas de boxe junto com os meninos do bairro. Adorava lembrar-se de sua mãe que havia falecido e gostava também de cuidar de sua avó demenciada, que repetia frequentemente o quanto havia querido ser bailarina. Billy dedilhava o piano sobre o qual estavam os retratos de sua mãe, mas seu pai implicava com isso.

Devido à greve, as aulas de boxe e de balé foram reunidas no mesmo salão da comunidade e Billy acabou ensaiando balé com as meninas, sob a orientação da Profa. Wilkinson, uma ex-bailarina que logo percebeu a vocação e aptidão do menino. O confronto entre ela, o pai e o irmão foi muito intenso, mas ela acabou vencendo e Billy foi matriculado no Royal Ballet e se tornou um bailarino profissional.

O filme representa o quatérnio primário de Billy com a identificação com os complexos materno e paterno, neste caso, correspondentes respectivamente aos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal e radicalmente polarizados. Ele atua ora um, ora outro sobre Mrs. Wilkinson que a tudo resiste, por aliar-se tenazmente à Anima e à busca de alteridade de Billy.

Após um confronto violento entre a professora, o pai e o irmão, Billy tem uma reação de grande excitação e desorientação espacial. Corre e se bate contra portas e muros, no que parece caminhar para um surto psicótico. O que o salva é sua vocação para a dança, que ele expressa de forma exuberante numa catarsis, literalmente “subindo pelas paredes” até a exaustão. Esta passagem do filme foi muito representativa, pois expressou o dom vocacional de aguentar e integrar o conflito dos dois grandes opostos arquetípicos por intermédio da criatividade artística, que expressa seus Arquétipos da Anima e da Alteridade.

Já no Balé Real, durante as provas de admissão, Billy atua seu complexo paterno, altamente defensivo, esmurrando um colega muito afetivo que dele se aproxima com afeto. Isso faz com que quase seja desclassificado, mas felizmente não é, e vence, expressando sua Anima na carreira artística.

Neste caso, vemos como as reações da criança podem ser determinantes para a formação da identidade no quatérnio primário, sobretudo quando a criança tem um dom importante, como é o caso de Billy com a dança.

Apesar do dom artístico de Billy ter favorecido a integração de conteúdos importantes do Arquétipo Matriarcal e ter impulsionado o processo para a integração da Anima, não podemos deixar de valorizar a influência da mãe morta na ativação do

complexo materno e do Arquétipo Matriarcal de Billy. Como temos visto, os símbolos e funções psíquicos podem expressar qualquer coisa pela convivência com pessoas, mas muitas vezes, mais ainda pela ausência delas. Nesse caso, não há dúvida que a simbiose de Billy com sua mãe continuou intensa após a morte dela, talvez ainda mais intensa do que quando ela estava viva, o que impregnou a Anima de Billy e sua expressão pela dança com redobrado vigor.

Outro símbolo importante do filme é o amigo de infância de Billy, companheiro de sua aversão ao boxe, ser gay. Várias vezes no filme, Billy é chamado por adjetivos homossexuais, devido à sua vocação para a dança. No entanto, Billy se torna um dançarino heterossexual, mostrando o quanto a estereotipia de considerar gay qualquer homem com dominância matriarcal, sobretudo com vocação para a dança, expressava um preconceito milenar patriarcal que felizmente está sendo ultrapassado.

Acrescento a estes comentários, um artigo sobre a função da ternura na formação da identidade do homem, indispensável para o desenvolvimento da sua afetividade e da Anima no processo de individuação.

Ternura, Sexo, Dignidade e Amor

Um Estudo das Funções Estruturantes pela Psicologia Simbólica¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

“Ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas”³
E.E. Cummings

“Hay que endurecerse sin perder la ternura jamás”
Ernesto Che Guevara

Sinopse

A partir de uma Teoria Arquetípica da História, o autor atribui a limitação do Processo de Humanização de exercer plenamente o amor conjugal na sociedade de dominância patriarcal, em boa parte, à repressão da ternura na personalidade do homem e da dignidade na personalidade da mulher. Descreve a pujança virtual do símbolo do bebê e argumenta que o afastamento da sua convivência com o homem na família patriarcal mantém o subdesenvolvimento e a repressão da ternura, da sensibilidade e da afetividade provenientes da formação machista de sua personalidade. Acrescenta que o correspondente na mulher patriarcal é a dificuldade de manter a sua autoestima e dignidade devido à submissão que acompanha a repressão da sua profissionalização, da sua autossuficiência criativa e da sua sexualidade.

O autor prossegue e assinala que o desenvolvimento da sensibilidade e da ternura do homem na cultura patriarcal se fizeram defensivamente na Sombra por intermédio da homossexualidade masculina e que o desenvolvimento da autossuficiência criativa e da sexualidade na mulher ocorreram sombriamente por intermédio da prostituição.

Para terminar, o autor argumenta que o amor conjugal hetero e homossexual se desenvolvem junto com o amor social e o amor ecológico somente sob a dominância do Arquétipo da Alteridade e do Arquétipo da Totalidade e, por isso, interpreta o “mito do amor impossível” como a busca emergente do amor conjugal, vetada pela dominância patriarcal ainda vigente.

¹ Artigo enviado para publicação na Janguiana, revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, nº.18, São Paulo, 2001.

² Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana.

E-mail: c.byington@uol.com.br. Site: www.carlosbyington.com.br

³ Frase do poeta que encabeça o script da peça de Tennessee Williams, *À Margem da Vida*, estreada em Nova Iorque em 1944.

O autor conclui que apesar da busca do amor conjugal estar desestruturando a família e a organização social patriarcal tradicional, sua realização é parte essencial da vivência da compaixão social e ecológica indispensáveis para a continuidade criativa do processo de humanização e da salvação de nossa espécie.

Unitermos

Teoria Arquetípica da História. Ternura. Amor. Sensibilidade. Afetividade. Sexualidade. Dignidade. Autossuficiência criativa. Heterossexualidade. Homossexualidade. Arquétipo Patriarcal. Arquétipo da Alteridade. Arquétipo da Totalidade. Mito do Amor Impossível.

Introdução

Em 1970, a Dra. Catarina Kemper, uma das fundadoras da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, contou-me que, enquanto ainda vivia na Alemanha, um colega psicanalista chamado Schultz-Hencke havia chocado a Sociedade de Psicanálise com a teoria que **“a ternura (Zärtlichkeit) é uma pulsão primária do Id, tão primária quanto a sexualidade e que, por isso, não pode ser a esta reduzida...”**. Com a experiência da vida, esta ideia cresceu dentro de mim. Ao formular o conceito de função estruturante criativa e defensiva para abranger todas as funções da natureza animada e inanimada e ao estudar a relação homem-mulher no processo de humanização em busca do amor conjugal, a ternura foi se me apresentando como uma função estruturante de importância central e, de longe, mais abrangente que a sexualidade. Ao me dar conta da importância do desenvolvimento da ternura na personalidade do homem e do desenvolvimento da autoestima na personalidade da mulher para a vivência do amor conjugal, percebi também que elas haviam se tornado funções estruturantes defensivas devido à repressão tradicional da ternura na personalidade do homem equivalente à repressão da autoestima na personalidade da mulher. Uma das intenções deste artigo é buscar a explicação para essa repressão histórica.

Vicissitudes Históricas da Ternura e a Autoestima

Pelo fato de a Psicologia Simbólica descrever o desenvolvimento arquetípico em função do Processo de Humanização (Teilhard de Chardin, 1947), abordarei com amplos traços os três grandes referenciais deste processo para emoldurar sua perspectiva

milénar, dentro da qual estudarei as funções estruturantes da ternura e da autoestima, buscando a explicação para a sua repressão sistemática na personalidade do homem e da mulher.

De acordo com uma Teoria Arquetípica da História (Byington, 1983) e seguindo a estimativa de Watson (2003), descobridor da estrutura química do DNA, de que nossa espécie tem 200 mil anos, intuo que durante os cento e noventa mil anos que fomos caçadores-coletores tivemos uma dominância do Arquétipo Matriarcal na organização de nossa Consciência. Provavelmente, vivíamos... para sobreviver. A fome, as intempéries, os animais ferozes e os grupos rivais nos faziam conhecer precocemente a morte. Esta primeira grande fase da humanidade desenvolveu-se dentro do princípio da sobrevivência e da sensualidade, que caracterizam o Arquétipo Matriarcal, tanto na personalidade do homem, quanto da mulher e da cultura. Matriarcal que, neste sentido, se refere à matriz.

A descoberta do pastoreio e do plantio há mais de 10 mil anos nos permitiu adotar a vida sedentária em aldeias que lentamente deram origem às cidades. A imensa transformação trazida pela revolução agropastoril gerou a família patriarcal, a propriedade privada, a herança, o pátrio poder, as classes sociais e o Estado junto com a construção das cidades, como tão bem descreveu Engels (1888). Assegurada a moradia e a alimentação, o princípio existencial da sensualidade, característico do Arquétipo Matriarcal, foi suplantado em importância pelo princípio existencial da organização, característico do Arquétipo Patriarcal. **Esta mudança do paradigma de dominância arquetípica foi, dentro da perspectiva milénar do Processo de Humanização, o acontecimento mais importante da civilização na antiguidade.**

A Psicologia Simbólica descreveu o funcionamento da Consciência Individual e Coletiva por intermédio da relação Ego-Outro regida por arquétipos, o que permitiu a expansão do conceito de arquétipo para abranger também a Consciência Individual e Coletiva. Desta maneira, podemos compreender melhor como o aumento extraordinário do poder da Consciência Coletiva ensejado pela capacidade de organização do Arquétipo Patriarcal coordenou a formação das nações e dos impérios do regadio (Ribeiro, 1968) que, através dos séculos e milênios, dominaram e configuraram a subdivisão sócio-política moderna do Planeta.

A abrangência da coordenação da polsridade Ego-Outro e consciente-inconsciente pelo conceito de arquétipo nos permitiu conhecer os quatro grandes Arquétipos Regentes que coordenam o processo de elaboração simbólica para formar a Consciência. São eles o Arquétipo Matriarcal, o Arquétipo Patriarcal, o Arquétipo da Alteridade e o Arquétipo da Totalidade. Eles operam a volta do Arquétipo Central e dão origem **às quatro grandes**

visões de mundo das quais nossa espécie é capaz (veja o gráfico no final). Três dessas mentalidades já se expressaram como dominantes na história da humanidade. A quarta começa a despontar com o processo de globalização ora em curso. Elas se apresentam também, ora uma ora outra, de forma dominante nas várias fases da vida individual (Byington, **1996 A**). Mas, o que é mais importante de tudo é **que os quatro Arquétipos Regentes e principalmente o Arquétipo Matriarcal e o Patriarcal disputam entre si** a coordenação da elaboração simbólica para formar e operar a Consciência Individual e Coletiva. Ora, quando aplicamos o conceito de arquétipo não somente ao funcionamento do inconsciente, mas também da consciência, nos damos conta que a atuação do Ego, é sempre arquetípica, pois em última análise, o Ego é a expressão, ou, metaforicamente dito, a encarnação do Arquétipo Central na consciência.

Apresento, a seguir, o exemplo de uma adolescente reprovada. Baseado nessa relação filial ao Arquétipo Central, o Ego é capaz de participar em todo o processo de elaboração simbólica. Apesar de muito inteligente, minha segunda filha foi reprovada na primeira série do colegial porque não estudou. Decidi elaborar com ela o símbolo e a função da reprovação. Comecei a elaboração pelo Arquétipo Matriarcal e a levei para almoçar no late Clube, onde realizamos juntos muitas pescarias divertidas na sua infância. No meio do almoço, perguntei como ela estava se sentindo com a reprovação e empatiquei e sofri junto com ela a sua frustração. A seguir, continuei a elaboração da reprovação pelo Arquétipo Patriarcal, e pedi que ela se justificasse e considerasse uma punição, que podia até incluir a suspensão de sua viagem já programada nas férias. Continuamente a elaboração por intermédio do Arquétipo da Alteridade, na qual combinamos a elaboração matriarcal com a patriarcal. Pedi a ela para expressar suas reações e interagi expressando as minhas emoções de surpresa e decepção. Hoje, 40 anos depois, revejo com ela a elaboração da reprovação dentro do Arquétipo da totalidade e sinto uma grande satisfação ao percebê-la, apesar de distante, junto com a recente aprovação do seu doutorado em medicina.

A participação do Ego na elaboração simbólica com os arquétipos regentes é a prova cabal de ser ele a expressão do Arquétipo Central na consciência e na Sombra, pois, nesse caso, **o Ego faz numa escala menor exatamente o que o Arquétipo Central faz numa escala maior**. Esta compreensão da capacidade do Ego de intervir na elaboração simbólica é imprescindível para o estudo das funções estruturantes, pois, como veremos melhor adiante, a função estruturante da sexualidade, por exemplo, pode ser bastante bem expressa quando coordenada pelo Arquétipo Matriarcal e pelo Arquétipo Patriarcal, ao passo que a função do amor conjugal somente pode ser expressa

plenamente quando coordenada pelo Arquétipo da Alteridade e da Totalidade. Isto explica, por exemplo, porque a Psicanálise, cuja visão é dominada pelo Arquétipo Patriarcal (Byington, 2001) elegeu a sexualidade e nela permaneceu como função estruturante central do desenvolvimento psíquico.

Durante o período de dominância patriarcal que durou mais de dez mil anos até o início de nossa era, tivemos uma visão de mundo que determinou, entre outras situações sociais e individuais, a estruturação patriarcal da identidade do homem e da mulher (Byington, 1986) e da família, como busquei demonstrar no penúltimo número da *Junguiana*, aquela de número 17, sob o título “A Família como Dimensão Simbólica do Self” (Byington, 1999 A). A visão de mundo de dominância patriarcal afetou a sexualidade permitindo ao homem sua plena satisfação orgástica, inclusive fora da família, e limitando a mulher ao lar e à procriação, sem incluir a consideração de suas ideias da sua plena realização sexual. Essa restrição, como hoje é de conhecimento geral, incluía e inclui em muitas culturas a cliterotomia e o lancetamento múltiplo da região perineal anterior da mulher para que realizasse o ato sexual com dor e jamais com prazer. Em culturas “mais evoluídas” a cliterotomia tem sido exercida simbolicamente, sem o componente concreto, por intermédio da exclusão da excitação explícita do clitóris durante a relação sexual e da busca do orgasmo da mulher. Foram necessários o relatório Kinsey (1948), o relatório Hite (1976) e os estudos de Master e Johnson (1966), na segunda metade do século vinte, para denunciar que o orgasmo não podia ser um privilégio do homem no ato sexual, pois sem o reconhecimento e a inclusão da função do clitóris, a participação plena da mulher na sexualidade não pode ser atingida. Durante a dominância patriarcal, o papel da mulher era procriar, criar, servir, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos e dar o orgasmo para a seu marido fazia parte do papel de ser uma “mulher direita” e “do lar”. A sociedade de dominância patriarcal só permitiu à mulher assumir sua sexualidade ativamente e sua autonomia financeira na prostituição, exercida fora do contexto familiar, geralmente numa parte da cidade pejorativamente estigmatizada, onde ganhava sua independência econômica se vendendo em troca do orgasmo do homem.

Devido ao usufruto do poder do homem patriarcal sobre a família, sobre as fontes de produção, a religião e a política, ele próprio acreditou que só tinha regalias e nenhum prejuízo e se autointitulou o senhor do lar. Foi a própria miopia da visão de mundo de dominância patriarcal que percebeu a realidade de forma tão distorcida. O homem não enxergou o que mais lhe faltava e, por isso, não se deu conta de que foi exatamente a prepotência do seu poder repressor que manteve sua função afetiva fixada e subdesenvolvida. Esta fixação trouxe para ele a maldição de Eros que o manteve

simbiotizado à mãe, imaturo e inseguro emocionalmente, misógino e incapaz de amar devido à repressão da sensibilidade, da ternura e da afetividade. O correspondente desta limitação na mulher foi a sua submissão ao poder do homem que a manteve também fixada no quatérnio primário, com um forte complexo de inferioridade por ter sido impedida de participar do orgasmo, do poder religioso, econômico e político, o que comprometeu seriamente a sua autoestima, a sua dignidade e o seu desenvolvimento como pessoa.

A Capacidade Simbolizadora do Ego e do Self

A psicologia tradicional tem afirmado erroneamente que a criança vive exclusivamente a concretude, baseada na observação correta de que o Ego só desenvolve seu poder de simbolização por volta dos cinco anos de idade. No entanto, isto é reduzir a criança ao Ego, posto que o Self, que engloba o Ego e o Arquétipo Central, tem um altíssimo poder simbolizador desde o início da vida, devido ao fato do Arquétipo Central formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência e na Sombra por intermédio da elaboração dos símbolos. Para a Psicologia Simbólica Junguiana, que é símbolo-centrada e não Ego-centrada ou arquétipo-centrada, a atividade simbólica da personalidade como um todo começa no nascimento onde é extraordinariamente intensa e diminui durante a vida, na medida em que a capacidade simbolizadora do Ego aumenta pela sua maior participação na função transcendente. A função transcendente, ao ser cada vez mais exercida pelo Ego, diminui correspondentemente a atividade simbolizadora do Arquétipo Central e, por isso, **a capacidade simbolizadora da personalidade, como um todo, decresce na vida adulta.** É este fato que torna **as crianças e os adolescentes tão mais criativos, inquietos, idealistas, românticos, e atraentes** e os adultos, frequentemente, tão mais pobres, acomodados, reacionários, cínicos, desiludidos e maçantes. (Byington, 1996 B). A partir dos 5 anos, o Ego participa de forma crescente no exercício da função transcendente simbolizadora do Self. Dentro da coordenação da elaboração simbólica pelo Arquétipo Matriarcal, o Ego pode ter percepções extraordinárias por intermédio da intuição e da mediunidade. É por isso que as culturas tribais com forte exuberância matriarcal dá grande importância à mediunidade dos seus xamãs. Eles são chamados para elaborar símbolos importantes e prever o que essas elaborações podem trazer para o conhecimento. No caso da cultura Yorubá Nagô, por exemplo, o Orixá Orunmilá, do Arco-Íris, é o grande padroeiro dos babalorixás (pais de santo), para buscar as adivinhações. É ele o orixá que revela os Edus (revelações dos oráculos) e inspira o Orixá Exú para ritualizar os “ebós” que são as oferendas rituais aos orixás.

É contudo, na coordenação da elaboração simbólica pelo Arquétipo da Alteridade (Anima e Animus), que o Ego atinge seu maior poder de transcendência, para usar a intuição e a mediunidade, na criatividade científica e artística, mas também existencial, para ter as grandes percepções.

Esta imensa capacidade simbolizadora do Self do bebê se irradia para o Self familiar e cultural e a todos fascina e encanta. Ao nascer, a criança é o vir-a-ser, é o símbolo prospectivo do futuro da humanidade, é a promessa da autorrealização do imenso potencial criativo de nossa espécie, cuja dimensão somente a imaginação dos gênios vislumbra, em fugazes lampejos, no firmamento da Consciência. A criança não representa somente o símbolo da totalidade para os adultos. A criança é esse símbolo em carne e osso, fezes e urina. A criança é, no sofrimento e na indignação da fome e da cólica, e na paz e na tranquilidade da saciedade e do sono, o Ser aqui (o dasein), o símbolo e a função estruturante da encarnação dessa totalidade. Sua desproteção, sua infantilidade (cuja etimologia significa a impossibilidade de falar), sua delicadeza, sua sensibilidade, sua humildade, sua vulnerabilidade e sua fraqueza são a condição simbólica da força que expande a Consciência do adulto para vivenciar a ternura e abrir o Ego para o Outro, para a alteridade, para a compaixão, condição essencial da vivência da plenitude do relacionamento humano, no qual o homem e a mulher podem se encontrar pelo conhecimento e pela sensualidade do amor.

“Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é porventura o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe”. (Mateus 18: 1-5).

O grande poder conferido ao homem na sociedade de dominância patriarcal afastou-o da criança e dos seus significados simbólicos na família e nele próprio. Identificada pejorativamente com o subdesenvolvimento e a fraqueza, a criança e, junto com ela, a ternura, foram entregues para serem criadas pelo sexo “frágil”, pela mulher, submetida ao homem e destituída da dignidade outorgada pelo poder financeiro, político, religioso e sexual. Conheço um analista descendente de família tradicional inglesa que, quando completou sete anos, foi vestido com suas melhores roupas por sua mãe para ser “apresentado” ao pai. Trabalhando fora, longe do lar e da criança, o estereótipo da identidade do homem na sociedade de dominância patriarcal formou **um complexo de superioridade**, cumulado de um poder tão extraordinário que sua ambição desmesurada se afirmou por intermédio do homicídio e da guerra. Dominou a mulher e aperfeiçoou a

sedução “donjuanesca” para comê-la como qualquer outro alimento e matar momentaneamente a fome de sua carência afetiva abissal, deslocada defensivamente para a sexualidade. Estuprou-a literal e metaforicamente, manteve-a subjugada, humilhada e coroou-a rainha do lar para melhor obedecê-lo e servi-lo. Consciente ou inconscientemente, a mulher complementou esse sadismo milenar **com um imenso complexo de inferioridade desenvolvido** por intermédio do usufruto secundário do poder pela prostituição simbólica e pela submissão masoquista com a qual engessou gravemente a sua dignidade.

A Psicologia do desenvolvimento, que eu saiba, por intermédio de todas as escolas e por todos os autores pelos quais foi até hoje teorizada, com exceção da psicóloga americana Dorothy Dinnerstein (A Sereia e o Minotauro), ratificou absurdamente a redução da formação da polaridade Ego-Outro na relação primária à relação com a mãe, dela excluindo tematicamente a relação com o pai. Esta deformação teórica terrivelmente mutiladora da relação primária só se justifica quando nos damos conta que ela expressa como verdade objetiva a unilateralidade oriunda da posição polarizada do Arquétipo Patriarcal, que atribuiu pejorativamente à mulher a ternura, a delicadeza, a afetividade, a vulnerabilidade e a sensibilidade necessárias para sintonizar com a natureza do bebê e, ao homem, a força bruta, a “paquidermice” e a prepotência incompatíveis com essa sintonia.

O resultado catastrófico dessa perspectiva teórica foi que a Psicologia do desenvolvimento manifestou a deformação Patriarcal da identidade do homem, da mulher e do bebê já na relação primária com o complexo parental (Dinnerstein, 1976).

O Arquétipo Patriarcal vivenciado criativamente foi e é capaz de feitos poderosos e maravilhosos na vida da humanidade. Sua capacidade defensiva, repressora e destrutiva, no entanto, é proporcional à sua pujança criativa. Foi, em boa parte, o afastamento da criança, da ternura, da delicadeza, da vulnerabilidade e da fraqueza que deformaram e tornaram o poderoso homem patriarcal incapaz de amar não somente a mulher, mas também a outros homens, aos animais e à própria Terra. Dentre os troféus dessa trágica epopeia vitoriosa da onipotência do poder patriarcal estão o elitismo desumano das classes sociais e o luxo obeso de parte do Planeta, que confronta a miséria esquelética restante, escarnecendo dos cadáveres das guerras e das espécies animais sepultadas nos cemitérios da destruição ecológica.

James Hillmann descreve a psicologia do inconsciente porque, em um século, ela quase não melhorou a humanidade (Hillmann, 1995). Deve-se acrescentar que um fator importante para essa diminuta eficácia pode ter sido a redução da Psicanálise à

sexualidade, da Psicologia Individual de Alfred Adler ao poder, e do conceito de arquétipo de Jung ao inconsciente, três caminhos que por um lado muito contribuíram para o Processo de Humanização, mas que, por outro lado, ao não identificarem a importância da ternura reprimida na personalidade do homem e da dignidade reprimida na personalidade da mulher, não conseguiram libertar a humanidade patriarcal de sua incapacidade de amar e não identificaram devidamente o paradigma da alteridade, condição essencial para compreender a luta da dimensão democrática contra a dimensão autocrática na consciência coletiva e empreender o resgate de sua Sombra patriarcal tão destrutiva.

A voz solitária de Schultz-Hencke, que identificou a importância da ternura no desenvolvimento da personalidade do homem, permaneceu um farol solitário no oceano da Psicologia moderna, ofuscado pela noção da incapacidade de simbolização do Ego infantil. A ternura reprimida do homem impediu seu amadurecimento emocional e o manteve indiferenciado e próximo demais da mãe. O resultado dessa dependência imatura foi a “carnificina” da mulher na ânsia de libertar-se. Impedido de realmente se desenvolver e amadurecer, o homem ficou preso na compulsão de repetição de “comer” sexualmente e atacar sadicamente, um verdadeiro “desmembratio” alquímico, defensivo, cada vez mais amargurado, revoltado e escravo da sua incapacidade de amar.

A Analogia da Homossexualidade do Homem e da Prostituição da Mulher na Sociedade Patriarcal

Analogamente à autonomia financeira e sexual da mulher patriarcal vivenciada ainda que relativa e sombriamente na prostituição, a afetividade, a sensibilidade e a ternura do homem patriarcal foram reduzidas e vivenciadas relativa e sombriamente na homossexualidade. É preciso atenção para não interpretar mal estas considerações. A prostituição e a homossexualidade são aqui consideradas funções estruturantes do comportamento humano, podendo ser criativas ou defensivas, ou seja, atuando criativamente para formar a Consciência ou defensivamente para formar a Sombra. Por conseguinte, não se trata de julgar eticamente a prostituição e a homossexualidade, mas de reconhecer que elas são funções estruturantes e a partir daí tentar perceber como foram consideradas na visão do mundo patriarcal.

Dentro das inúmeras variações de como os homossexuais foram considerados na história, desde tolerados, perseguidos, e frequentemente assassinados, até enaltecidos na Grécia antiga e nas cortes do Império Romano, chama a atenção um fenômeno importante para a compreensão da visão de mundo do homem patriarcal.

Frequentemente identificados ou identificando-se com a mulher e excluídos do grupo majoritário dos homens, os homossexuais masculinos puderam evitar relativamente a repressão machista da sensibilidade e da ternura por intermédio da vivência de amor entre homens, daí se transformarem com o tempo no grupo gay da modernidade. O fenómeno cultural da homossexualidade é extraordinariamente complexo e suas variações históricas são inúmeras, o que não permite de modo algum qualquer generalização. No entanto, não há como negar a importância da função estruturante da homossexualidade na manutenção, ainda que variável e relativa, da afetividade, da sensibilidade e da ternura durante a longa repressão do homem patriarcal. Este fato precisa ser bem compreendido porque muitos homens que hoje querem desenvolver sua sensibilidade e ternura hesitam em fazê-lo com medo de serem taxados se homossexuais. Os milênios de repressão afetiva do homem patriarcal criaram um patrulhamento ideológico que frequentemente rotula de prostituta a mulher que assume a sua autonomia financeira e a sua sexualidade e de homossexual o homem que assume a sua sensibilidade e a sua ternura. O problema é de extraordinária importância porque o próprio homem que busca transcender a repressão patriarcal e se desenvolver afetivamente, frequentemente se julga homossexual, chegando até mesmo a buscar a homossexualidade, sem sê-lo autenticamente. O encontro frequente deste distúrbio da identidade masculina na psicoterapia levou-me a descrever **a homoafetividade igualmente na homossexualidade e na heterossexualidade** como uma função estruturante independente da sexualidade. A seguir, podemos conceituar a homossexualidade criativa e a defensiva. Criativa é a homossexualidade natural e defensiva é a homossexualidade que foi adotada por um homem heterossexual para vivenciar sua afetividade, sua sensibilidade e sua ternura. Frequentemente, este diagnóstico é muito difícil de fazer e se torna o tema central da elaboração simbólica de um processo analítico.

Alteridade: A Terceira Grande Fase da Humanidade

A busca da identidade pós-patriarcal do homem e da mulher (Byington, 1986) situa-se dentro do terceiro grande paradigma da história da humanidade coordenada pela dominância do Arquétipo da Alteridade e coadjuvada pelo Arquétipo da Totalidade. O paradigma de alteridade vem sendo integrado pela Consciência Coletiva do Self Planetário por intermédio da busca de liberdade, igualdade e fraternidade. Já o paradigma da totalidade começa a ser integrado pelo processo de globalização que, infelizmente, tem sido visto principalmente nos seus aspectos negativos por intermédio dos quais as

multinacionais têm buscado ampliar seus tentáculos e, relativamente pouco, na maravilha que é a ampliação da consciência do Self Planetário para perceber as vivências criativas e defensivas da nossa espécie como um todo.

Quem percebe a história por intermédio da perspectiva simbólica e arquetípica milenar se dá conta facilmente de que as consequências das distorções do imenso poder estruturante do Arquétipo Patriarcal são incompatíveis com a habitabilidade do Planeta e a sobrevivência de nossa espécie. A sofisticação crescente do poder estratégico e tecnológico dos exércitos, da devastação ecológica pela predação planetária e das injustiças sociais pela desigualdade de classes sociais preconizaram há mais de dois milênios essa possível destruição, que hoje se torna claramente visível. Ou nossa espécie ativava no seu genoma outro arquétipo, outra visão de mundo para coordenar o desenvolvimento da Consciência Coletiva, ou nosso fim seria irremediável. Felizmente, nossa espécie dispõe geneticamente desse arquétipo, que denominei o Arquétipo da Alteridade responsável pela democracia e pela sustentabilidade. Ele foi ativado intensamente há 2500 anos com o Mito do Buddha na Índia e depois no Oriente e há 2000 anos com o Mito Cristão, inicialmente no Oriente Médio e posteriormente no Ocidente, dentre outras inúmeras manifestações (Byington, 1996 B).

Pelas leis da genética moderna, sabemos que os principais gens e arquétipos que nos caracterizam sempre estiveram em nossas células desde o início de nossa história. Assim sendo, podemos afirmar que o Arquétipo da Alteridade não foi inventado pela civilização, mas sempre fez parte do nosso corpo. Ele foi ativado intensamente pelas circunstâncias históricas. O grande problema é que a implantação da dominância cultural de um arquétipo na Consciência Coletiva, como já vimos, leva milênios, o que nos faz perguntar, entre a esperança e a angústia, se haverá ainda tempo para a alteridade se implantar em nosso processo de humanização a ponto de corrigir as distorções terrivelmente sombrias da poderosa organização patriarcal que moldou a civilização nos últimos dez mil anos.

O Amor Conjugal, a Ternura, o Sexo e a Autoestima

O amor conjugal é a função estruturante do desenvolvimento, da entrega existencial plena entre o homem e a mulher na heterossexualidade, ou entre dois homens ou duas mulheres na homossexualidade. O desenvolvimento da entrega existencial não é somente afetiva, pois inclui a pessoa como um todo com as inúmeras funções estruturantes do Self, como, por exemplo, a inteligência e a compreensão. O amor não é somente um estado psicológico, mas também um processo que se desenvolve e se

aprende através da vida. O amor é uma gnose. Dentro da abertura da sensibilidade do Ser para a entrega, esse processo inclui a função afetiva como a boa fé, a dedicação e a confiança, mas é inseparável da inteligência racional e da atração erótica irracional, indispensáveis para a interação dialética que permeia o processo. A fidelidade no amor é definida pela dedicação ao processo de humanização. O processo de entrega existencial dos cônjuges é o caminho da união existencial humana. É por isso que os amantes entendem tão bem a linguagem poética das estrelas. O caminho do amor conjugal é o aprendizado da essência da vida que se transforma e se realiza pelo encontro das polaridades. Percebemos que o amor é um aprendizado quando nos damos conta de que passamos a vida sofrendo com suas feridas e vamos aos poucos dedicando o que de melhor sabemos à ciência e à arte de amar.

A interrelação do Ego com o Outro na mentalidade patriarcal é ternária porque o Ego da pessoa dominante identifica, julga e ataca a Sombra do Outro sem expor a sua própria e, por isso, é incompatível com o processo gnóstico iniciático que se desenvolve dentro do relacionamento quaternário da alteridade, no qual, cada cônjuge cultiva sua luz na medida em que se abre para expor sua Sombra, o que torna a dedicação ao autoconhecimento inseparável da dedicação ao conhecimento do Outro.

O amor requer a busca da plena realização individual dos cônjuges e, por isso, ele é uma função estruturante que não pode ser plenamente cultivada nem sob a dominância matriarcal nem sob a dominância patriarcal. Sob a dominância matriarcal predominam a sensualidade e o desejo e essa predominância impede a consideração plena da realidade do Outro. Sob a dominância patriarcal, as polaridades se relacionam na posição polarizada, na qual os polos são vivenciados de forma desigual, o que impede a interação dialética plena e igualitária do homem e da mulher.

A poesia é uma expressão do Arquétipo da Alteridade que expressa literariamente as inúmeras polaridades dos símbolos relacionadas dialeticamente por intermédio das metáforas. Os textos do Ramayana e do Mahabharata, os dois grandes poemas épicos da Índia, a história de Buda e os Evangelhos da Paixão de Cristo, do início de nossa era, ilustram de forma exuberante e trágica a busca do amor e da compaixão limitadas pela repressão patriarcal que conduz à intolerância elitista, à opressão, ao homicídio e à guerra.

A perspectiva histórica arquetípica é milenar. Ela é anunciada simbolicamente pela característica prospectiva dos mitos. O Mito Cristão é o mito prospectivo da história do Ocidente nos últimos dois mil anos apesar da sua distorção brutal levada à cabo pelo Cristianismo institucional na Inquisição (Byington, 1990). No primeiro milênio de nossa

Era, o processo civilizatório do Ocidente, inspirado no Mito Cristão, começou a integrar progressivamente a alteridade por intermédio da louvação da paixão de Jesus de inúmeras maneiras, inclusive por intermédio do amor de Maria e da vida dos Santos, dentro do tema do amor impossível daquele que morreu para continuar guiando a humanidade, após sua ressurreição mítica, em direção a compaixão e ao amor. Uma das interpretações do Mito Cristão, do filho herói ser crucificado e atingir sua missão do amor e da compaixão na Ressurreição, é de ser este amor inatingível no paradigma patriarcal e necessitar da transformação da Consciência Coletiva para renascer na Trindade e no paradigma de alteridade onde só então é capaz de se realizar.

O drama do amor impossível que mais marcou a Idade Média na Europa Cristã foi certamente o célebre romance de Abelardo e Heloísa, cujas cartas relatam sua profundidade. O teólogo, poeta e filósofo Abelardo (1079 – 1142) foi recomendado pelo poderoso Fulbert de Notre Dame em Paris, tio e tutor de Heloísa, para ser o instrutor dela (1098- 1164). Apaixonados, mas impedidos de se unirem devido à nobreza familiar dela, casaram-se secretamente e ela foi ter um filho na Inglaterra. Descoberto o casamento, sua família engendrou a castração de Abelardo, que se tornou monge em St. Denis, enquanto que Heloísa terminou seus dias como freira em Argenteuil (Enciclopédia Britânica, 1993, vol. 5, pg. 810).

É no século XIII, quase no final da Idade Média, que surge a literatura Ocidental propriamente, quando o Mito se “encarna” no canto dos trovadores e vai buscar o sangue de Cristo no Graal para viver a justiça e o amor. Junto com Excalibur, a espada por intermédio da qual Arthur une o baronato dentro da monarquia, instala-se o drama do amor impossível entre Guinevière, rainha e esposa de Arthur, e Lancelote, o principal cavaleiro da Távola Redonda. De um lado, a instituição monárquica, a família real e o status da corte e, do outro, a individualidade profunda dos Arquétipos da Anima e do Animus e o amor. Diante da impossibilidade de vivenciar nesse contexto a alteridade que é sempre extraordinária e única, Guinevière se tornou freira e Lancelote um cavaleiro errante em nome de sua amada.

A célebre lenda de Tristão e Isolda foi celebrizada na ópera de Richard Wagner (1813-1883), baseada na versão de Gottfried von Strassburg e se tornou a joia da poesia germânica medieval, publicada em 1210. Suas origens remontam à lenda Céltica, segundo o qual o jovem Tristão, tendo matado um terrível dragão que assolava a Irlanda, pede a mão da princesa Isolda para seu tio, o Rei Mark da Cornuália. Durante a viagem, os jovens bebem a poção mágica, preparada pela mãe de Isolda para ela e o soberano, e se apaixonam. Seu amor, no entanto, como aquele entre Guinevière e Lancelote, colide

com os cânones da organização social patriarcal, o que torna seu fim trágico inevitável (Enciclopédia Britânica, 1993, vol. XI, pg. 933).

O mais famoso drama literário do amor impossível foi descrito já no Renascimento pelo escritor italiano Matteo Bandello (1485-1561) e imortalizado por William Shakespeare (1564-1616) em *Romeo e Julieta*, publicado em 1593. Na medida em que a dimensão social patriarcal se estabeleceu plenamente nas nações europeias, a incompatibilidade do amor com a dominância patriarcal passa da polaridade entre a monarquia e a nobreza (Lancelote e Guinevière e Tristão e Isolda), ou entre a nobreza a intelectualidade (Heloísa e Abelardo) para a polaridade entre duas poderosas famílias rivais, os Capuleto (Julieta) e os Montague (Romeo) que competem e se odeiam na sociedade de Verona.

Passaram-se os séculos e, apesar da repressão patriarcal com seu elitismo, sua intolerância, sua destrutividade ecológica e suas guerras, a busca dos direitos humanos, da socialdemocracia e da consciência ecológica, junto com a globalização, mostram que o Arquétipo da Alteridade e o Arquétipo da Totalidade, apesar de variarem muito sua integração na Consciência Coletiva das diferentes nações, continuam progressivamente sua lenta implantação. Essa implantação atinge os direitos humanos individuais e sociais e progressivamente também a natureza, na sustentabilidade. Dentro desse processo civilizatório, o amor conjugal se apresenta como imprescindível. Sua busca é necessária à plena realização humana, mas altamente revolucionária e problemática devido à desorganização que traz à família e à sociedade de dominância patriarcal. O *Livro Vermelho* de Jung e as suas paixões por Sabina Spielrein e Toni Wolff (Guerra, 2011) bem ilustram a continuação da implantação da alteridade do amor na modernidade. Na medida, porém em que se liberam e se integram cada vez mais as funções estruturantes da ternura, da sensibilidade e da afetividade do homem e da realização criativa profissional e sexual da mulher, a pujança e o desafio engrandecedor do amor conjugal são cada vez mais buscados para o encontro afetivo, companheiro, erótico, compreensivo e auto realizador do homem e da mulher, cujo vínculo é inseparável da natureza criativa ou destrutiva do Processo de Humanização.

Abstract

Based on an archetypal theory of history, the author attributes the incapacity of patriarchal society to live adult love fully to the repression of sensibility and tenderness in men and to the repression of dignity and self-esteem in women. He describes the exuberance of the baby symbol, so far removed from men that it maintains the repression

of tenderness, sensibility and affection which pervades traditional masculine education. He adds that the corresponding situation in women is the difficulty in maintaining self-esteem and dignity as a result of the submission that comes from repressed creative self-support and sexuality.

The author goes on to say that in patriarchal culture sensibility and tenderness of men developed defensively in the shadow through homosexuality, whereas creative self-support and sensuality in women developed defensively in the shadow through prostitution.

Finally, the author argues that adult hetero- and homo-sexual love develop together with social and ecological love exclusively through the dominance of the Archetype of Alterity (Otherness and sustainability) and of the Archetype of Totality and, therefore, interprets "the myth of impossible love" as the emergence of adult love repressed by the still dominant patriarchal pattern.

The author concludes that the search for adult love, despite its undermining by traditional family and social organization, together with the social and ecological compassion expressed in the modern search for susten is indispensable for the creative continuation of the process of humanization and salvation of our species.

Guerra, Maria Helena, **Comentários de uma mulher, a partir do texto de Carlos Byington Ternura**, 2002

Pertenço a uma geração de mulheres que se apropriou de seu orgasmo, de seu dinheiro, que ocupa cargos políticos e bancos universitários. Somos mulheres que "fomos à luta", "saímos para batalhar", expressões que já levantam suspeita sobre o modo como este caminho foi seguido pela maioria de nós... Conquistando o mundo externo a partir de uma imitação do comportamento do homem, sem dúvida conseguimos muitas coisas antes inimagináveis - mais autonomia, mais independência. Mas, como mulher, vejo que nossa dignidade está longe de ser alcançada.

Olhando a coisa mais profundamente (e bem de perto), vejo que a dignidade não pode existir enquanto não houver liberdade para Ser. E Ser, para a mulher, envolve a afirmação de suas verdades internas, de seus valores, de sua ética, de suas emoções e sentimentos, e o reconhecimento deles como tendo a mesma importância que os valores "dos homens". A mulher, ensinada a ser terna, amorosa, cuidadosa, muitas vezes tem dificuldade em interferir no mundo a partir de seus sentimentos e emoções, talvez até porque isto muitas vezes tenha a ver com interferir, uma brincadeira com a palavra, mas que me parece ter sentido. Ser ferida, tudo bem (afinal, aguentar o sofrimento é algo que sempre coube às mulheres, que menstruam e dão à luz); mas ferir... Para não ferir o Outro a mulher fere a si mesma, se recolhe, e com isto recolhe também sua dignidade. Perpetuando relações sadomasoquistas, submete-se, em nome do amor, a quaisquer mandos e desmandos, a qualquer humilhação, a toda desconsideração e falta de cuidado. Afinal, não precisa ser cuidada... ela cuida! Sua autoestima, impedida durante séculos de se desenvolver, a não ser no papel de mãe e de dona-de-casa, pode começar a fazê-lo agora, mas desde que associada a suas conquistas, sejam elas materiais, profissionais ou até de homens. Suas verdades mais profundas, que formam sua identidade de mulher, continuam recolhidas... Relegada por milênios a uma posição inferior e de submissão, acostumou-se a viver de migalhas, tornando-se capaz de transformá-las num banquete por meio de sua introversão. Sua fantasia, ao invés de abrir caminho para um aprofundamento em si mesma, torna-se um refúgio que termina por impedi-la de ver as coisas como são, iludindo-a e fixando-a em defesas que só fazem perpetuar seu funcionamento ancestral: a negação de suas necessidades mais íntimas, de seus limites, o desconhecimento de sua própria força, a perda de objetividade em relação a si mesma e ao Outro.

Felizmente, o instinto de individuação, visando a completude, envia a Sombra para equilibrar as coisas. E aí conhecemos muito bem as depressões, mas também as cobranças, as manipulações, as reações histéricas "para ver se assim ele se comove", e até mesmo modelitos como "Zélia, uma Paixão" ou aquele de Sálmacis que, desprezada, ignorada, ferida, mas ainda assim apaixonada, se agarra desesperadamente a um apavorado Hermafrodito, numa tentativa de realizar seu amor.

Dentro deste contexto, onde fica então a dignidade da mulher? Tanto no sofrimento introvertido como em sua explosão extrovertida, a dignidade vai para o espaço. E é aqui que eu me pergunto: como conseguir expressar este universo imenso de emoções, de sentimentos profundos, de dores atrozes que somos capazes de vivenciar e que emergem a cada vez que somos feridas pela falta de um olhar, ou por uma saída apressada, ou por uma pequena (mas sentida como enorme) falta de atenção? Como mostrar isto com dignidade, abstando-nos de reagir por mera identificação com o agressor? Como não nos tornarmos amargas, ou frias, ou descrentes? Como revelar nossa dor sem permanecermos aferradas a ela, sem usá-la para mobilizar no Outro um sentimento de culpa ou de rejeição e nem manipulá-lo por intermédio de nosso desamparo ou fragilidade?

Recuperar a dignidade não é coisa fácil, porque envolve a percepção do limite tanto da capacidade de amar como da capacidade de aguentar a dor, coisa que desde tempos imemoriais não nos foi ensinado. Dizer "não" à dor causada pelo relacionamento amoroso, e com isto quebrar um funcionamento de base sadomasoquista, é muito assustador para a mulher. Primeiro, porque na maior parte das vezes é este o relacionamento possível - e aqui temos um grande paradoxo: por ser o relacionamento algo tão fundamental, sua qualidade passa a ser colocada em segundo plano. Basta que exista! Depois, porque há uma conexão horrorosa entre capacidade de amar e tolerância à dor, que nos faz crer que quanto maior o amor, mais se suporta a dor. Portanto, dizer "não" à dor é sentido como a colocação de um limite no amor, o que para algumas mulheres soa como uma violação à sua natureza mais íntima, profunda e verdadeira. No entanto, como isto é necessário e importante!

Nossa tradição cultural, ao dar à mulher "o direito" ao amor e à ternura, não apenas afastou o homem destas vivências, mas "obrigou" a mulher a sempre dizer "sim" a elas. A mulher paga este preço quando, por amor, aceita qualquer tipo de relação, independentemente de sua qualidade. Não se trata aqui de não querer sofrer no amor. A dor, como qualquer vivência, é também uma função estruturante. Mas desde que seja uma dor que possa ser vivida de modo criativo, o que não é o caso da dor que permanece

fixada nas defesas, perpetuando comportamentos neuróticos e sem possibilidade de ser elaborada. Em se tratando de um relacionamento num padrão de alteridade, a elaboração da dor - assim como de outras vivências - deveria encontrar espaço na própria relação.

Para a mulher, o desenvolvimento da liberdade de Ser envolve poder vivenciar e reconhecer tanto seu amor como sua dor. E, ao reconhecê-los, ter a liberdade de querer vivê-los ou não. Poder dizer "não" ao amor, ou até à compulsão de amar, é o que muitas mulheres têm que aprender. Sem dúvida, isto abrirá espaço para que o homem também possa fazer uma escolha, e não simplesmente dizer "não" ao amor, num papel complementar e compensatório ao da mulher.

Afirmar seu mundo interno, aprender a expressar seu amor, mas também sua dor, com delicadeza, porém com firmeza, certamente ajudará na construção da dignidade da mulher (Ha que enternecer-se, pero sin perder la firmeza, jamás!!!).

Passemos ao homem. De fato existem homens (muitos deles) que possuem imensa dificuldade em se entregar ao amor e à ternura. Não questiono isto. Quero, porém, fazer algumas reflexões a partir de algumas observações.

Para que alguém ame, ou sinta ternura, é necessário que exista um Outro a quem o amor ou a ternura irá se direcionar. É claro que podemos pensar aqui em Narciso, mas também ele quando ama o faz como se fosse a um Outro, simbolizado aqui por seu reflexo na água. O amor, assim como a ternura, exige a presença de um objeto a ser amado. Portanto, antes de existir a possibilidade de amar, é imprescindível que haja a consciência de que existe um Outro.

Isto pode parecer óbvio, mas tenho observado que muitas vezes, antes mesmo da incapacidade de amar, o homem tem a incapacidade de ver. Conheço analistas que se sentem incapazes de amar, mas não em seu exercício profissional. Podemos, à primeira vista, atribuir este fato à relação preservada, ou até mesmo de poder, que existe entre analista e analisando. Mas minha hipótese é outra. No consultório, o analista **precisa** ver o Outro. E ao vê-lo, e vê-lo exposto, com seus sofrimentos, suas angústias, suas dificuldades, o analista se vincula, e é terno, e sente amor.

Volto a Hermafrodito. Belo como Narciso, o mito não faz referência à sua capacidade de amar, nem a si próprio nem a algum outro ser. O que sabemos é que ele despreza Sálmacis, uma ninfa que se apaixonara por ele. Na verdade, o que é este seu desprezo? Ele nem percebe sua existência? Ou percebe, mas não lhe atribui a menor importância? Ou não tem nenhuma empatia pela dor que ela poderia estar sentindo em seu amor não correspondido? O fato é que ele não se importa de se banhar justamente no lago onde ela estava, mergulhando nu diante daquela que estava completamente

apaixonada por ele. O que significa este gesto? Por que mergulhar ali, tentá-la, se sabia que não queria nada com ela? Por que provocá-la? Não sabemos se houve aí alguma intenção, algum desejo de seduzir ou de se exibir, ou se simplesmente ele nem considerou a presença dela. Possivelmente ela não existia para ele, e o lago onde ela vivia era um lago como qualquer outro...

A cena de uma mulher apaixonada, toda olhos para seu amado, e ele diante dela, mas sem notá-la, é uma cena repetida e vivenciada inúmeras e incontáveis vezes. Assim como se repete o desfecho do mito, com um abraço da ninfa que, sabendo ser aquela talvez sua única oportunidade, pede aos deuses que não os separem mais, para desespero de Hermafrodito que, aprisionado, perde não só sua liberdade, mas sua masculinidade.

O que temos então é a perpetuação da reação avassaladora da mulher quando não é vista, e, portanto, não tem a menor possibilidade de ser amada. Evidentemente, ante tal ameaça de perda da liberdade, de castração, nossos "Hermafroditos", com razão, querem distância de tais abraços... E aquilo que poderia ser uma conjunção, um encontro amoroso, criativo e não hierárquico entre as polaridades, entre homem e mulher, passa a ser vivenciado como ameaça de fusão, mistura, perda da identidade, da liberdade de Ser. A entrega no amor passa a ser um fantasma terrível, que é bom nem se olhar...

Retomo aqui a questão do olhar, porque a experiência de ser olhado é fundamental no desenvolvimento humano. É pelo olhar que nos é lançado que vamos formando nossa identidade. Ao longo da vida, é por intermédio dele, talvez mais do que de qualquer outro sentido, que entramos em contato com o Outro. Contato que pode ser muito profundo porque, quando olhamos nos olhos do Outro, simultaneamente nos mostramos, nos expomos. O olhar no olho do Outro é a expressão física da alteridade. Algo absolutamente simétrico. Acolhemos e somos acolhidos, damos e recebemos; nós nos encontramos por intermédio do olhar, em seu silêncio eloquente, no inevitável contato entre almas.

Por isso ver o Outro pode ser sentido como algo tão perigoso. Abrindo espaço para a alma do Outro, ficamos desarmados, indefesos. Corre-se então o risco de se estabelecer um vínculo profundo, corre-se o risco de amar, e perder o controle da razão. Então vêm as defesas; como a criança pequena, que ao brincar de se esconder para no meio da sala, fecha os olhos e acha que está invisível, o homem adulto fecha seus olhos à mulher, e com isto é como se ela não existisse, nem seu amor.

O homem, ao não olhar para a mulher como um ser que tem alma (este já foi um tema religioso polêmico!), ao ver nela apenas um corpo, de preferência para servi-lo,

perde o contato com tudo aquilo que poderia descobrir em si mesmo por intermédio de um vínculo amoroso profundo. Desprezando a capacidade de amar e de ternura da mulher, considerando-a um tipo de ser inferior, talvez até mesmo porque seus interesses girem muitas vezes ao redor dos próprios homens, a mulher é desrespeitada, desvalorizada, mas, sobretudo - ou justamente porque - não é vista. E ao cegar-se para a mulher, o homem cega a si próprio.

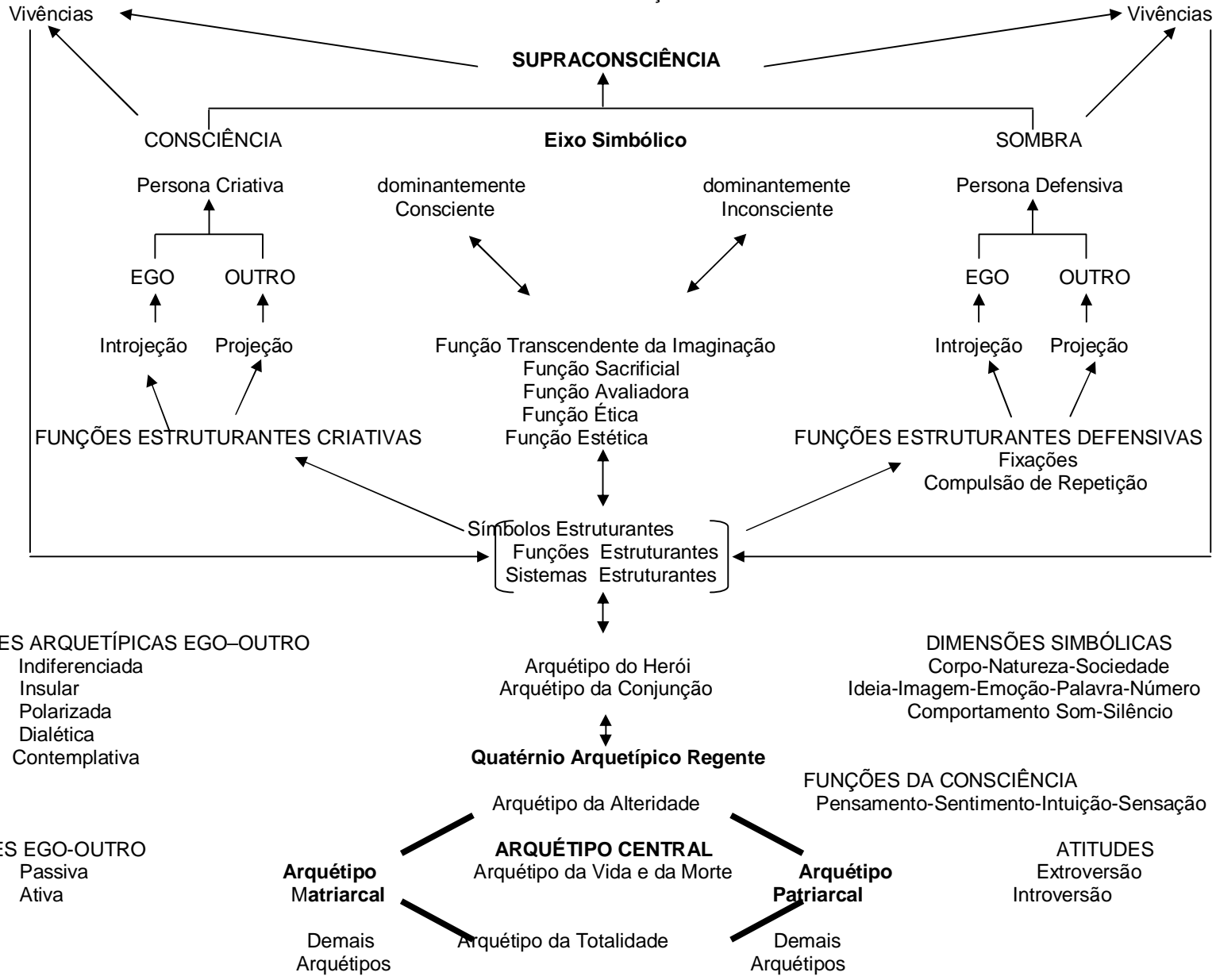
É interessante notar como alguns homens são capazes de se vincular durante a vivência de excitação sexual. O sexo é vivido não apenas como busca de prazer, mas como busca de vínculo, o que faz com que Eros esteja presente não só em sua dimensão erótica, sensual, mas como função de relacionamento, como apontou Jung. Esta hipótese também aqui vai de encontro à minha ideia básica. Num momento de tremenda excitação sexual, o homem quer o Outro, ele busca um objeto e, portanto o Outro passa a existir, pode ser visto. Repito: há aqui muito mais do que um desejo de satisfação sexual, que obviamente existe. Possivelmente por isso o sexo seja tão importante para tantos homens: dá a eles a oportunidade de olhar para o Outro, e com isto, a oportunidade de se entregar, de estabelecer um vínculo que, por ser fugaz (e dissociado da vida) exige a repetição quase que compulsiva da experiência.

Fascinado por sua capacidade de domínio, por seu poder para conquistar tudo e todos, por sua aparente liberdade, o homem, assim como a mulher, não é livre para ser ele mesmo. Corajoso para investir (em todos os sentidos) no mundo externo, fecha-se para o mundo do amor, do relacionamento, da ternura. Por medo de não ser visto, fecha os olhos. Por medo de ser aprisionado, aprisiona. Sua aparente liberdade encobre seu medo de ser realmente livre.

Que não se diga, então, que o homem não sabe amar, pois abaixando sua guarda e abandonando suas defesas, amar, assim como dançar e fazer poesia, qualquer um sabe.

Psicologia Simbólica Junguiana

ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (1983) "O Mito Cristão como Principal Símbolo Estruturante do Padrão de Alteridade na Cultura Ocidental". *Junguiana*, n.º 1, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, 1983.

_____ (1986) "A Identidade Pós-Patriarcal do Homem e da Mulher e a Estruturação Quaternária do Padrão de Alteridade da Consciência pelos Arquétipos da Anima e do Animus". *Junguiana*, n.º 4, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, 1986, págs. 5-70.

_____ (1990) "Prefácio do Martelo das Feiticeiras". Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1990.

_____ (1996 A). O Arquétipo da Vida e da Morte. Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Junguiana* n.º 14 São Paulo, 1996.

_____ (1996 B) "Pedagogia Simbólica. A Construção Amorosa do Conhecimento de Ser." Ed. Rosa dos Tempos - Record, Rio de Janeiro, 1996.

_____ (1999 A) "A Família como Dimensão Simbólica do Self". *Junguiana*, n.º 17, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, 1999.

_____ (1999 B) "O Arquétipo de Alteridade e o Processo de Humanização da América Latina". Anais do II Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana. Rio de Janeiro, 1999.

_____ (2001) "A Inveja Criativa e Defensiva. Um Estudo das Funções Estruturantes pela Psicologia Simbólica". No prelo.

DINNERSTEIN, Dorothy (1976). "The Mermaid and The Minotaur. Sexual Arrangements and Human Malaise". Harper, New York, 1977.

Enciclopédia Britânica, Toronto, 15^a edição, 1993.

ENGELS, Friederich (1884) "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado", Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

GUERRA Maria Helena R.M. (2011). *O Livro Vermelho - O Drama de Amor de C.G.Jung*. São Paulo: Ed. Linear B, dezembro de 2011.

HILLMAN, James "Cem anos de Psicoterapia e o Mundo Continua Cada Vez Pior." Editora Sumus, São Paulo, 1995.

HITE, Shere. (1976). *The Hite Report: a nationwide study of female sexuality*. New York: Seven Stories Press, 1981.

KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, Clide E. and GEBHARD, Paul H. (1953). *Sexual Behavior in the Human Female*. New York: W.B. Saunders, 1953.

MASTER, William and JOHNSON, Virgínia E. (1966). *Human Sexual Response*. New York: Bantam Books, 1966.

RIBEIRO, Darcy (1968) "O Processo Civilizatório", Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (1947) "Le Phénomène Humain", Ed. Seuil, Paris, 1955.

WATSON, James D. e BERRY, Andrew (2003). *DNA – O Segredo da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Para a próxima aula, repetir *Psicologia Simbólica Junguiana*: Capítulo X e XI – Arquétipo Patriarcal e Alteridade, *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito*: quinta e sexta fases da vida. Naquela aula, faremos a interpretação do filme *Shirley Valentine*.

Boa semana a todos,
Byington